



LUCAS DIEGO DE SOUSA FERREIRA

ETHOS E ESTEREOTIPIA: Análise de Excertos de Redes Sociais

**LAVRAS - MG
2022**

LUCAS DIEGO DE SOUSA FERREIRA

ETHOS E ESTEREOTIPIA: Análise de Excertos de Redes Sociais

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de Letras - Português/Inglês, para obtenção do título de Licenciado.

Prof^a Dr.^a Márcia Fonseca de Amorim
Orientadora

LAVRAS - MG
2022

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discorrer e refletir acerca de processos de estereotípias manifestadas a partir da representação ideológica e imaginária em que os sujeitos se projetam mediante discursos políticos entre apoiadores e não apoiadores do presidente Bolsonaro. A fim de se legitimar discursivamente, os sujeitos silenciam e cancelam outros sujeitos através da resignificação de sentidos presentes em discursos que integram formações discursivas de viés político. Para isso, foram utilizadas contribuições de Orlandi (1999, 2007, 2020), Amossy (2005), Foucault (2008), Maingueneau (2005) e Almeida (2020). Mediante a análise de dados, observou-se, através de excertos de redes sociais, a materialização dos processos descritos acima que ilustram formações discursivas de viés político embutidas de discursos que se desdobram no ethos e reproduzem estereotípias para que, através de políticas do silêncio, um discurso se legitime perante outros.

Palavras chave: análise de discurso, estereotípias, silenciamento, ethos.

ABSTRACT

This article aims to discuss and reflect on processes of stereotypes manifested from the ideological and imaginary representation in which the subjects project themselves through political discourses between supporters and non-supporters of President Bolsonaro. In order to legitimize themselves discursively, the subjects silence and cancel other subjects through the resignification of meanings present in discourses that integrate discursive formations of political bias. For this, contributions from Orlandi (1999, 2007, 2020), Amossy (2005), Foucault (2008), Maingueneau (2005) and Almeida (2020) were used. Through data analysis, it was observed, through excerpts from social networks, the materialization of the processes described above that illustrate discursive formations of political bias embedded in discourses that unfold in the ethos and reproduce stereotypes so that, through policies of silence, a discourse is legitimized before others.

Keywords: discourse analysis, stereotyping, silence, ethos.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	1
2.	Referencial Teórico.....	2
	2.1 Sentidos e Memória.....	2
	2.2 Sujeito Ideológico e Imaginário.....	3
3	Formações Discursivas.....	6
	3.1 Silêncio e Cultura do Cancelamento.....	7
	3.2 Estereotípias.....	8
4	Análise de Dados.....	11
5	Considerações Finais.....	20
6	Referências Bibliográficas.....	21

1. Introdução

As interações discursivas que surgem entre sujeitos político-ideológicos, tanto no meio virtual como no real, têm representado um incessante desejo de anulação do outro, da projeção que ele representa sócio-historicamente. Esse processo de anulação, de silenciamento, recorta os discursos e suprime, delimita os efeitos de sentido a fim de legitimar um discurso perante outros.

Esses sentidos, ressignificados e materializados em discursos, passam por processos de esquecimentos para que refaçam sentidos e alcancem os efeitos de sentido esperados. Esse processo envolve formações de sujeitos ideológicos e imaginários que, interpelados pela ideologia, tecem discursos estereotipados que se desdobram no registro do ethos e que se materializam em formações discursivas de natureza política.

Perante o exposto, este trabalho tem o intuito de propor reflexões acerca de interações discursivas entre apoiadores e não apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, através de excertos das redes sociais Twitter e Facebook. Esses excertos evidenciam processos de silenciamento, cancelamento e estereotipias, a partir do imaginário que um grupo projeta sobre o outro.

Para isso, foram utilizados os autores Orlandi para amparar as discussões sobre o papel da memória nos efeitos de sentido e a interpelação de indivíduos em sujeitos. As contribuições da autora também foram usadas como base nas formações discursivas e na política do silêncio. Ao lado de Orlandi (1999, 2007, 2012) Foucault (2008) também integra as reflexões sobre formações discursivas. Paralelo a esses autores, as contribuições de Maingueneau (2005) e Ruth Amossy (2005) atuaram como base no que tange ao Ethos e Estereotipagem, sucessivamente. Além disso, Almeida (2020) integrou as reflexões sobre a cultura do cancelamento.

Como resultado, observou-se formações discursivas de natureza política embutidas de discursos que, através do ethos, reproduzem estereotipias consolidadas por apoiadores do atual presidente (denominados como *bolsominions*) e não apoiadores (chamados de PTistas e PTralhas). Mediante a análise, notou-se também que esses discursos, além de reproduzirem estereotipias, recortam dizeres de modo a silenciar e cancelar outros sujeitos para que um discurso se legitime perante o outro.

2. Referencial Teórico

Os sentidos não se constituem pelas situações enunciativas. Eles não se apresentam em construções sintáticas e lexicais. Antes, é preciso que passem por um processo de esquecimento, de anonimato, para que, então, seus efeitos sejam produzidos, pois esse caminho para o anonimato é exatamente a atuação imaginária da história no processo enunciativo.

2.1 Sentidos e Memória

O ato de interpretar dizeres condiciona a uma limitação ao texto. Para tanto, o processo de compreensão é necessário pois, compreender sentidos envolve processos de significação de outros sentidos presentes no mesmo dizer. São interdiscursos materializados pela memória e que, para a Análise do Discurso, é vista como linguístico-histórica.

Nessa direção, a memória é materializada em interdiscursos – ou constituição de sentidos – que sustentam as relações discursivas entre sujeitos e determina as formulações de sentidos. Nas palavras de Orlandi,

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. (ORLANDI, 2012, p.33)

Nessa direção, as interações entre sujeitos e os sentidos produzidos são afetados pela memória que, na análise do discurso, é tratada como linguístico-histórica. Nas relações discursivas, essa memória é evocada pelos sujeitos que a ressignificam em suas palavras. São interdiscursos concebidos a partir de gatilhos outrora pertencentes no campo do esquecimento e que são iluminados nos novos dizeres, uma vez que “quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós.” (ORLANDI, 2012, p.35).

Paralelo aos interdiscursos, há o saber discursivo - aquele afetado por esquecimentos - e uma de suas facetas, como postulado por Orlandi, é o de ordem ideológica. Este condiciona os sujeitos a uma crença de que são originários de dizeres, quando, na verdade, apenas retomam sentidos já existentes.

Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade. (ORLANDI, 2012, p.35)

Então, sem história não há significação da língua. Para que os discursos signifiquem é preciso que já tenham significado em outro momento da história, já que os dizeres se relacionam com outros dizeres e produzem novos sentidos, determinados pela maneira como os sujeitos se inscrevem na língua e na história. Exposto a materialidade dos processos de significação, há de se pensar também sobre as relações entre sujeitos com a língua e a história, como exposto no tópico a seguir.

2.2 Sujeito Ideológico e Imaginário

A princípio, deve-se pensar o sujeito não como indivíduo (ou ser biológico), mas sim como fruto constituinte do simbólico, das relações entre língua e história. Processos linguísticos e históricos tomam indivíduos como ponto de partida e os *assujeitam*, uma vez que é no movimento contínuo que se constituem os sentidos e os sujeitos em suas identidades na história.

Esse ato de *assujeitar-se* implica na submissão à língua(gem) - mergulhado em uma experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) - em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia.

É nesse processo que os sentidos completam seu processo de significação, que expõe o vínculo da língua com a exterioridade: a partir das relações entre sujeitos com a língua e a história. Discursivamente, os sujeitos são constitutivos do que dizem já que produzem dizeres a partir de um lugar. “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’.” (ORLANDI, 2012, p.40)

Todos esses mecanismos discursivos repousam no que Orlandi denomina por *formações imaginárias*. Nas palavras da autora,

Não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares dos sujeitos - para as posições dos sujeitos no discurso. (ORLANDI, 2012, p.40)

São as posições sócio-históricas ocupadas pelos sujeitos que significam nos discursos. Paralelo a isso, há certos fatores que implicam nas significações discursivas e um desses mecanismos é o que Orlandi denomina por *antecipação*. Esse mecanismo regula a argumentação, de modo que o que é dito, se é feito a partir do efeito que o sujeito pensa que será produzido em seu ouvinte, de tal forma que será dito de um modo e não de outro.

É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. E se fazemos intervir a antecipação, esse jogo fica ainda mais complexo pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante. (ORLANDI, 2012, p.40)

Assim, os sentidos são uma relação determinada do sujeito (este, afetado pela língua) com a memória linguístico - histórica. É o ato de compreender que realiza a relação do sujeito com a língua, com a história e com os sentidos. Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Portanto, ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há, aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. (ORLANDI, 2012, p.48)

Desse modo, mediante objetos simbólicos, os sujeitos são direcionados a compreender e esse movimento de compreensão evidencia sentidos e atesta a presença da ideologia que produz evidências e os coloca em uma relação com o imaginário e suas condições materiais de existência. Se, é necessário uma relação entre sujeitos, língua e história para haja sentido nos discursos, é no próprio discurso que a ideologia se materializa.

Essas evidências podem ser tanto do sentido - de apagamento do caráter material, que faz com que uma palavra designe uma coisa - como do sujeito - que oculta o fato de que os sujeitos são interpelados pela ideologia. Como pontua Orlandi,

São essas evidências que dão aos sujeitos a realidade como sistema de significações percebidas, experimentadas. Essas evidências funcionam pelos chamados “esquecimentos”, que referimos anteriormente. Isso se dá de tal modo que a subordinação - assujeitamento se realiza sob a forma da autonomia, como um interior sem exterior, esfumando-se a determinação do real (do interdiscurso), pelo modo mesmo com que ele funciona. (ORLANDI, 2012, p.47)

Ideologia é, portanto, função necessária na relação entre linguagem e mundo. Em compensação, é também a ideologia que constitui os sujeitos. É pela interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos que a discursividade se constrói.

Nessa direção, a necessidade da ideologia e sua relação com a formulação de sentidos é evidenciada; pois ela se produz justamente no ponto de encontro da materialidade da língua com a história. Como o discurso é o lugar desse encontro, é no discurso que a ideologia se materializa.

Logo, o trabalho ideológico “é um trabalho da memória e do esquecimento pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, de impressão do sentido.” (ORLANDI, 2012, p.59) Além disso, não é nos dizeres que os sentidos se encontram. É preciso, antes, referi-los às suas condições de produção e estabelecer as relações com a memória para, então, remetê-los a uma formação discursiva; como será explorado a seguir.

3. Formações Discursivas

Há condições históricas para que apareçam objetos de discurso, para que outros dizeres sejam formados a partir dele, estabelecendo relações de semelhança e de transformação. Todavia, não é fácil produzir novos dizeres, não é possível se falar de qualquer objeto em qualquer contexto histórico uma vez que objetos discursivos não preexistem em si mesmos; eles são iluminados por feixes complexos de relações. E, essas relações,

[...] são estabelecidas entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas [...]. Elas não definem a constituição interna do objeto, mas o que lhe permite aparecer, justapor-se a outros objetos, situar-se em relação a eles, definir sua diferença, sua irredutibilidade e, eventualmente, sua heterogeneidade; enfim, ser colocado em um campo de exterioridade. (FOUCAULT, 2008, p.50)

Assim sendo, as relações discursivas não são internas e muito menos externas ao discurso. Elas transitam nos limites do discurso. “Essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática.” (FOUCAULT, 2008, p.52)

Entretanto, como pontua Orlandi (2012), os sentidos não se estabelecem por propriedades da língua. Eles se constituem a partir de/pelas formações discursivas. Estas, por sua vez, são fluidas, como blocos homogêneos que funcionam espontaneamente, se reconfigurando incessantemente em suas relações práticas.

E, enquanto prática discursiva, o discurso constitui seus sentidos, pois o que é dito se inscreve em uma formação discursiva e não outra para produzir determinado sentido que não outro. Dado que, as palavras dialogam com outras palavras, toda palavra integra um discurso. E todo discurso se relaciona com outros dizeres materializados ou que se encontram na memória.

Isso não significa que não há individualização nas formações discursivas. Para Foucault (2008), uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam; em outros termos, se se puder mostrar como todas derivam de um mesmo jogo de relações.

Assim, as formações discursivas são um jogo dialógico de (re)constituição de sentidos ideologicamente inscritos por sujeitos sócio-históricos. É um sistema de restrições invisíveis, transversal às unidades tópicas, pois, todo discurso se relaciona com outros dizeres materializados ou em anonimato. Não se trata de formações discursivas de sujeitos, são discursos que se constituem no interior de formações discursivas de diversas naturezas - sejam elas política, religiosa etc. E é no discurso que a ideologia se materializa.

Visando ampliar essas questões, no próximo tópico será abordada a questão do silêncio e da cultura do cancelamento, que determina o que pode e o que não pode ser dito mediante o que é estabelecido por grupos de sujeitos no meio virtual.

3.1 Silêncio e Cultura do Cancelamento

Dizer e silenciar andam juntos. As possibilidades de dizeres são passíveis de serem silenciadas, censuradas e canceladas. Politicamente, há uma declinação da significação, que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer construir determinados dizeres que não outros. Ou seja, o silêncio recorta o dizer e essa é sua dimensão política.

O silêncio descrito aqui não é a ausência de palavras; mas sim, como proposto por Orlandi, trata-se da política do silêncio - *poder-dizer*. A política do silêncio se constitui pela maneira de que, ao se dizer algo, outros sentidos possíveis e indesejáveis em determinada situação discursiva são apagados.

Nessa perspectiva, o silêncio trabalha os limites das formações discursivas, determinando os limites do dizer e apagando os sentidos que se quer evitar; sentidos que poderiam se instalar em uma outra formação discursiva que não essa.

Integrada a essa política do silêncio, há também o *silêncio local* - ou interdição do dizer -, que, como exemplo, há a censura. “Trata-se da produção do silêncio de forma fraca, isto é, é uma estratégia política circunstanciada em relação à política dos sentidos: é a produção do interdito, do proibido. (ORLANDI, 2007, p.75)

Assim concebida, a censura pode ser compreendida como a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas. Consequentemente, a identidade do sujeito é imediatamente afetada enquanto sujeito-do-discurso, pois, sabe-se, a identidade resulta de processos de identificação segundo os quais o sujeito deve-se inscrever em uma (e não outra) formação discursiva para que suas palavras tenham sentido. Ao mudar de formação discursiva, as palavras mudam de sentido. (ORLANDI, 2007, p.76)

Por conseguinte, há de se fazer uma relação entre os sentidos produzidos pela relação entre poder (censura) e o desejo (narcísea). Nesse viés, Orlandi (2007) discorre que o autoritarismo pode ser considerado como uma espécie de *narcísea social*, uma vez que procura impor (ora pelo poder, ora pela força), um único sentido todo um grupo social.

Logo, a censura é a interdição manifesta do sujeito ideológico pelo anseio de um poder de palavra fortemente regulado. “No autoritarismo, não há reversibilidade possível no discurso, isto é, o sujeito não pode ocupar diferentes posições. [...] A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito.” (ORLANDI, 2007, p.79)

Na àgora virtual, uma outra vertente da política do silêncio tem conquistado seu espaço: a cultura do cancelamento. Essa cultura consiste em uma reação negativa das massas perante um fato exposto virtualmente (geralmente, através de redes sociais). O ato de cancelar tem como significado tornar sem efeito, eliminar, suprimir o sujeito ideológico em determinada situação discursiva. Essa prática de cancelamento visa a (des)significação dos sujeitos e, no cenário político, essa cultura ganha forças. Nas palavras de Almeida,

A política é também lugar do conflito, da agonia e da contradição. É o lugar da luta, do enfrentamento e da crítica. [...] Tanto o uso da força como a educação exigem responsabilidade. Por isso, a cultura do cancelamento é a antipolítica por excelência. É a recusa da educação e, mais ainda, do confronto. Seu único objetivo é negar a existência do outro. O cancelamento é o triunfo da irresponsabilidade. (ALMEIDA, 2020, p.1)

Assim, (des)significar alguém através da censura ou do cancelamento não implica em suprimir indivíduos; mas sim, invalidar, eliminar o sujeito representado socialmente. Essa representação é não somente sua formação ideológica como também a imagem criada sobre outros sujeitos sobre ele; sua estereotipização. Pensando nisso, o próximo tópico irá desenvolver mais a fundo essa questão.

3.2 Estereotípias

A estereotipagem é um processo que consiste em pensar o real através de uma representação cultural já existente, uma estrutura coletiva consolidada. A comunidade avalia e concebe os sujeitos mediante modelos por ela difundidos e nas quais ela os classifica. As práticas semiológicas e sociológicas, geralmente, definem estereótipos em termos de concessão. Como proposto por Ruth Amossy, a noção de estereótipo desempenha um papel essencial no estabelecimento do ethos. Nas palavras da autora,

De fato, a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares. Para serem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isto é, que se indexem em representações partilhadas. É preciso que sejam relacionadas a modelos culturais pregnantes, mesmo se se tratar de modelos contestatórios. (AMOSSY, 2005, p.125)

Na visão discursiva, o estereótipo permite a designação de modos de raciocínio específicos a um grupo e os conteúdos globais na qual ele se situa. “O locutor só pode representar seus locutores se os relacionar a uma categoria social, étnica, política ou outra. A concepção, correta ou errada, que faz do auditório, guia seu esforço para adaptar-se a ele.” (AMOSSY, 2005, p.126)

Então, com a construção da imagem de si, que confere ao discurso uma parte de sua autoridade, o locutor adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele acredita estar interiorizados e reconhecidos por seus interlocutores e, através de singularidades de sua enunciação relacionada à uma categoria postulada, que ele encarrega seu interlocutor na formação de uma impressão.

O discurso lhe oferece todos os elementos de que tem necessidade para compor um retrato do locutor, mas ele os apresenta de forma indireta, dispersa, frequentemente lacunar ou implícita. Assim, um estilo pontuado de exclamações permite induzir o caráter impetuoso ou colérico do locutor, enquanto um falar lacônico e rude, que não se prende a convenções de polidez, pode indicar um homem íntegro que diz a verdade sem meias palavras. (AMOSSY, 2005, p.126)

Se, em termos mais práticos, o ethos se desdobra no registro do “dito”, sua eficácia procede o fato de que envolve de alguma maneira a enunciação sem ser explanado no enunciado. “Não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do ethos do enunciador antes mesmo que ele fale.” (MAINGUENEAU, 2005, p.71)

Politicamente, quando enunciadores ocupam a cena midiática, são relacionados a um ethos que cada enunciação pode confirmar ou infirmar. Há um universo de sentidos liberado pelo discurso que é imposto tanto por doutrinas como pelo ethos; através de dizeres que remetem à participação imaginária em um vivido.

O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. [...] Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer. (MAINGUENEAU, 2005, p.73)

Desse modo, “quando um político de extrema direita mostra por sua enunciação a figura do homem do povo que diz a verdade nua e crua, [...] ele define implicitamente o que é o discurso político legítimo e, correlativamente, aquilo que o discurso político não deve ser.” (MAINGUENEAU, 2005 p.78).

As reflexões apresentadas neste estudo, visam ancorar as análises propostas. Trata-se de compreender os aspectos linguístico-discursivo que permeiam a criação de estereótipos para se referir a sujeitos que se opõem politicamente no atual cenário brasileiro, tendo em vista a polarização entre direita e esquerda. Essa polarização tem proporcionado discursos estereotipados que se desdobram no ethos, conforme abordado adiante.

4. Análise de Dados

As eleições de 2018 marcaram significativamente o cenário discursivo brasileiro. Com a vitória do atual presidente Jair Messias Bolsonaro, emergiram na sociedade discursos políticos entre os apoiadores do então candidato e atual presidente do Brasil - denominados pelos não apoiadores como *bolsominions* e *bolsorentos* - e os não apoiadores (ou *PTistas* e *PTralhas*, como são chamados pelos seguidores do presidente).

Nessas interações discursivas, ambos os grupos projetam discursos autoritários para com o outro, buscando extinguir os sujeitos ideológicos que cada um representa socialmente e, como resultado desses confrontos, processos de silenciamento e estereotípias em ambos os lados são acarretados.

Além disso, essa disputa discursiva implica num jogo de interação entre os sujeitos que (re)constroem e atribuem sentidos outrora materializados em relações históricas e que, agora, estão se reestruturando e se manifestando através de novos dizeres em outros contextos, uma vez que toda interação discursiva resulta em uma representação de si e do outro.

Pensando nisso, foram selecionados excertos das redes sociais Twitter e Facebook para ilustrar os processos descritos até então. Esses recortes abrangem a época de atuação do presidente (2018-2022) e apresentam discursos tecidos tanto por sujeitos que se constroem discursivamente como *bolsominions*, como também, sujeitos que se constroem discursivamente como opositores ao presidente.

Em uma postagem¹ feita na rede social Facebook sobre os integrantes do programa da rede globo Big Brother Brasil, constatou-se que uma das participantes era apoiadora do presidente Bolsonaro. Como resultado deste fato, foi possível observar os seguintes comentários:

- sujeito 1: “A auto estima dos bolsorentos é incrível né, se eu tô no meio ia esculhambar um por um e ganhar”
- sujeito 2: “Já entrou cancelada.”
- sujeito 3: “Toma 50,00 e saia logo do bbb”
- sujeito 4: “A primeira eliminada o Brasil já tem.”
- sujeito 5: “Sério que ela é bolsonarista? Vamos eliminar com força então”
- sujeito 6: “Por mim essa bolsominion já pode ser eliminada sem nem entrar!”
- sujeito 7: “Bolsominion... por mim, já entra eliminada!”

Perante os comentários dos sujeitos acima, é possível observar o desenvolvimento da estereotipagem através da avaliação da comunidade (formada por não apoiadores do presidente) mediante a imagem projetada pela participante apoiadora.

Além disso, nuances do silenciamento e cancelamento, apresentados por Orlandi (2007) e Almeida (2020), respectivamente, estão em prática, pois, devido a formação discursiva de natureza ideológica do sujeito-participante, outros sujeitos com formações discursivas opostas buscam suprimir, eliminar quem o outro representa, antecipando os sentidos que serão produzidos e conforme observado nos comentários acima.

Ainda na mesma postagem, o seguinte comentário foi compartilhado: “E qual o problema ela ter esse posicionamento?” Então, outros sujeitos a respondem:

- sujeito 8: “Pq não é só um posicionamento simples, existem bandeiras e ideias perigosas por trás disso que devem ser rechaçadas mesmo sempre que possível.”
- sujeito 9: “ué não tem esquerdista que apoia o Lula ladrão?? Conhecido internacionalmente por escândalos de corrupção??”
- sujeito 10: “Sabia que viria falar do Lula... Afinal bolsominion só tem duas frases: ‘E o PT?’, ‘E o Lula?’”

Na visão dos sujeitos que se constroem discursivamente como *bolsominions*, na medida em que outros sujeitos se opõem ou questionam os discursos do presidente, automaticamente são classificados como esquerdistas, PTralhas.

Desse modo, de acordo com Maingueneau (2005), o ethos se desdobra no registro do dito. Os sujeitos *bolsominions* constroem significados antes mesmo que o outro grupo os diga. Estereótipos são criados, pois, só é possível representar seus locutores se os relacionar a uma categoria social e política para, então, confrontar seus discursos embutidos em formações discursivas de cunho político.

Após a eliminação da participante apoiadora do presidente do programa BBB, a seguinte postagem² foi feita na rede social Facebook: “Tchau, Bolsominia!” Como efeito, os seguintes comentários de opositores do presidente surgiram:

1

¹ disponível em: [Facebook](#), último acesso em 17/04/2022, às 23:49.

² disponível em: [\(6\) Facebook](#), último acesso em 17/04/2022, às 20:40

- sujeito 11: “A bolsominion sem noção já foi tarde.”
- sujeito 12: “Foi tardeeeee! Bolsominion tem mais q se dar mal msm!”
- sujeito 13: “Uma bolsominion a menos!!”
- sujeito 14: “Era Bolsominion, um defeito, mas a mulher era muito gente boa, com um coração gigante! Que as escolhas políticas não nos faça odiar as pessoas!”

Neste outro exemplo, além da busca por extinguir, invalidar o sujeito ideológico representado socialmente, há também a interpelação entre sujeito e indivíduo evidenciado no quarto comentário. Como discorre Orlandi (2012), enquanto indivíduo, ser biológico, a participante é aceita dentre a comunidade de não apoiadores. Mas, ao se incluir socialmente ela é *assujeitada* e, na medida em que se interpela como sujeito e se submete à língua, seus discursos se constroem em formações discursivas político-ideológicas e, então, lhe é atribuída a característica de “defeituosa” devido a sua formação discursiva confrontar as formações discursivas do grupo oposto. Nesse cenário, legitima-se o grupo que suprimir, apagar, cancelar seus opostos, como exposto nos comentários dos outros sujeitos.

Seguindo adiante, a seguinte postagem³ foi realizada na rede social Twitter:

“to falando
bolsominion e ptista
tudo mocréia apaixonada por político corrupto e safado”

Dentre os comentários da postagem acima, o seguinte se destaca mediante os processos de estereotipia apresentados por Amossy (2005) e discutidos até então:

- sujeito 15: “próxima eleição vai ser mais uma guerra entre bolsominions e ptistas, e as pessoas que escolheram não ser gado de nenhum dos dois no meio sendo chamadas de isentões [...]”

No comentário acima, outro estereótipo é atribuído por/para ambos os sujeitos que se constroem como *bolsominions* e *PTistas*: gado. Nas relações discursivas, esse termo ressignifica um sentido já existente socialmente (manada de bovinos) e se constrói discursivamente para estereotipar, designar grupos de sujeitos que apoiam e reproduzem discursos de determinados políticos.

Além disso, é um estereótipo que também silencia sujeitos nas relações discursivas na medida que apaga sentidos que se quer evitar. Desse modo, estereotipar sujeitos como gado não os calam, mas os evita de dizer outras coisas; recorta seus dizeres. Esse silenciamento pode ser visto na seguinte postagem⁴, também na rede social Twitter:

“Apoiar Bolsonaro é phoda! Compra camisa, muda perfil, toma block de amigos, te xingam, vira gado, quebra pau com comunista... [...]”

Seguindo em frente, nesta matéria⁵ da Carta Capital, os processos de estereotipia se manifestam a partir de publicações que tratam de ações do presidente, de seus apoiadores e de não apoiadores. Em uma pesquisa eleitoral entre Lula e Bolsonaro, os seguintes comentários ilustram o confronto:

- sujeito 16: “votar no bolsoasno só quem faz parte da manada de gado do cercado.”
- sujeito 17: “a cUmpanheira faz parte do rebanho de adestrados do encantador condenado?”
- sujeito 16: “garoto nenhuma ofensa que venha de vc me atinge, sou imune a qualquer ataque epidemico de raiva que venha do gado. Se vc se sente bem fique a vontade, pois é o perfil de toda sua classe com seu mestre bozo suvinista que de respeito e educação não entendem nada.”
- sujeito 18: “Bolsonaro é no futuro quer vc queira ou não!”
- sujeito 16: “gostei da piada, vc é bom nisso, kkkkk”

3

^{3 4} disponível em: <https://twitter.com/MarcusCris22/status/1516394428201586693>, último acesso em 21/04/2022, às 22:22.

⁵ disponível em: disponível em: [\(6\) CartaCapital — Publicações | Facebook](#), último acesso em 18/04/2022, às 00:00.

Nesse exemplo, de um lado há o sujeito 16, cujo discurso emerge de formações discursivas de natureza política oposta aos *bolsominions*, que, em seu comentário, estereotipa os eleitores do presidente como gado. Por outro lado, o sujeito 17 rebate o comentário devolvendo o mesmo estereótipo para o sujeito 16. De acordo com os discursos de ambos, o estereótipo de gado se enquadra àqueles que apoiam tanto Bolsonaro como Lula, o “encantador condenado”.

Além disso, suas ideologias políticas de direita e esquerda se materializam nos discursos proferidos: a primeira, para se referir a Bolsonaro; enquanto a segunda, para Lula. E é através da ideologia que os sentidos em seus discursos se formam em formações discursivas políticas presentes nesses excertos.

Mais além, o comentário do sujeito 18 demonstra a vontade de silenciar o outro em seu discurso. De acordo com o comentário, independente das possibilidades de dizeres dos sujeitos, há de se aceitar o contexto atual. O autoritarismo se manifesta neste comentário pela vontade de impor um único sentido, uma única possibilidade, ao sujeito 16, assim como postula Orlandi (2012).

Em outra postagem⁶, feita também na rede social Facebook, é possível observar algumas dessas características presentes nos discursos de *bolsominions* através de seus comentários postados. Na postagem, o autor discorre sobre seu desejo pela queda do governo e quão benéfico isso seria para sua saúde física e mental. Então, os seguintes comentários tecidos por apoiadores do presidente surgem:

- sujeito 19: “Basta vc começar a focar na sua banda e família. E esquecer esse amor platônico pelo presidente Jair Bolsonaro, pois ele tá REELEITO esse ano e teremos mais 4 anos sem PTralhas no poder.”
- sujeito 20: “vai enlouquecer então, pq 2022 é BOLSONARO 22!!!!!!”
- sujeito 21: “acaba com frescura é que é, vai ter que suportar mais 4 anos com ele, Bolsonaro22”
- sujeito 22: “vai ficar chorando em rede social por mais 4 anos kkkkk E se chorar muito elegeremos os filhos, um de cada x kkkkkk”
- sujeito 23: “vc e todos os ptistas podem continuar de mimimi pq é BOLSONARO22!!!!”

Aqui, os processos de silenciamento e autoritarismo apresentados por Orlandi (2007, 2012) se evidenciam ainda mais. Nos comentários de todos os sujeitos que se formam discursivamente como *bolsominions*, exposto acima, é possível notar a vontade de silenciar o autor da postagem. Os discursos são formulados por eles de uma forma que não outra para apagar o sujeito que ele representa e, por conseguinte, toda a ideologia que o constitui como tal sujeito.

Esses discursos antecipam os sentidos esperados no outro e esse mecanismo de antecipação os faz produzir dizeres que contrapõem os sentidos da postagem original, de modo que, além de o estereotipar como PTista (que também é um modo de silenciamento), igualmente produz sentidos de calar o autor por meio de construções discursivas que remetem a uma memória social autoritária. O ato de escrever determinadas palavras que não outras (como “reeleito” no primeiro comentário), enfatiza ainda mais esse processo de silenciamento através de um discurso autoritário.

Adiante, a publicação⁷ abaixo foi compartilhada na rede social Twitter:

“Danilo, hoje funciona assim:

Se você zoa PTista então você é Bolsominion.

Se você zoa Bolsominion então você é PTista.

E os dois lados não entendem que o legal é zuar eles, sem ser um ou outro, até porque, os dois são farinha do mesmo saco.”

Nela, é evidenciado o processo de estereotipagem nas interações discursivas: de um lado, há uma comunidade que avalia e concebe os sujeitos mediante modelos por ela difundidos e nas quais ela os classifica. Os sujeitos que não apoiam o presidente são classificados pelos apoiadores como PTista e, os que apoiam, são classificados pelos não apoiadores como *bolsominios*. Seus discursos oferecem todos os elementos de que tem necessidade para compor um retrato do locutor pela comunidade.

4

4

⁶ disponível em: [\(6\) Facebook](#) último acesso em 17/04/2022, às 20:43.

Ainda sobre esse processo de estereotipia e silenciamento exposto por Amossy (2005) e Orlandi (2007), em outra postagem⁸ do presidente Bolsonaro em sua rede social Facebook, o seguinte comentário foi feito: “o satanás está com quem está com vocês!!!”. Mediante o comentário, os seguintes emergem:

- sujeito 24: “só pensa e fala como vc quem estudou na USP... todos PTistas militantes do PT.”
- sujeito 25: “o choro é livre ptralha!!”

A partir do momento em que o sujeito se opõe ao presidente, os outros sujeitos dos comentários acima o confrontam com suas estereotipias de PTista e PTralha, pois, para esse grupo de apoiadores, os discursos de PTistas e PTralhas são inválidos, desprovidos de sentido.

Mas, afinal, o que constitui os discursos dos sujeitos *bolsominion* e PTista/PTralha? Para o primeiro grupo (os chamados bolsomínions), aqueles que se opõem ao atual governo (PTistas ou PTralhas) além de produzirem dizeres que materializam discursos que confrontam as ações praticadas, bem como as ideias defendidas pelo presidente e por seus apoiadores (como ilustrado nos comentários acima), promovem uma ruptura com o atual governo.

Já o sujeito PTista é tratado como aquele que foge de atividades laborativas e remunerativas e, conseqüentemente, são taxados de defensores de corruptos pelos apoiadores do presidente. Estes, por sua vez, se veem como adeptos do trabalho, do conservadorismo, temem a Deus, defendem a pátria e a família.

Além disso, para os sujeitos que, discursivamente, se reconhecem como apoiadores do presidente (os chamados *bolsominions*), sujeitos PTralhas representam o que há de mais “inadequado” e “imoral” socialmente e ainda são que detêm de incapacidades cognitivas para compreenderem o que “é certo”, como apresentado nas postagens a seguir, retiradas da rede social Twitter:

5

^{5 7} disponível em: <https://twitter.com/MangaVerde93/status/1280992718248910849>, último acesso em 21/04/2022, às 22:25.

⁹ “Essa PTista agrediu verbal e fisicamente, no interior de um ônibus, uma TRABALHADORA, pelo simples fato desta estar vestida com o uniforme da Havan, empresa onde trabalha. Esse tipinho de gente é assim: detesta trabalho, vive feito parasita e odeia trabalhador honesto.”

¹⁰ “Fiquem atentos, esse é o momento em que vemos quem é joio e quem é trigo. Bolsonaro erra, sim, erra pq é humano como tds nós. Mas, ainda estou #FechadoComBolsonaro do que ter PTralha vagabundo, adorador de Satã, a favor de aborto, bandido etc etc no comando.”

¹¹ “Bateu na cada da mídia e gente que não presta. Quem é PTralha e só vagabundos, alienados ou com problemas mentais.”

O segundo grupo, por sua vez, utiliza dos mesmos discursos para classificar sujeitos como *bolsominions*: além de apoiarem o presidente Bolsonaro, são sujeitos alheios à realidade, desprovidos de capacidades cognitivas, reacionários, preconceituosos e que não gostam de trabalhar, vivendo através de “mamatas” do Estado. Na primeira¹², ainda há um jogo com o termo “capitão” - posição ocupada socialmente pelo presidente - em que o autor da postagem a ressignifica como “capetão” para impor efeitos de sentidos de malvadeza, asquerosidade; como disposto nos recortes a seguir, compartilhadas também na rede social Twitter:

¹² “Bolsominion não racioina mesmo; Lula criou a lei de transparência e acesso a informação. O Capetão colocou td q demonstra a corrupção de seu desgoverno em sigilo por 100 anos. Perguntinha fácil de responder - quem é mesmo o ladrão???”

¹³ “Bolsominion: ‘NÃO EXISTE ALMOÇO GRÁTIS ACABOU A MAMATA TALQUEI SEU ESQUERDISTA!!’”

Also bolsominion: ‘DINHEIRO GRÁTIS UHU OBRIGADO ESTADO’”

6

⁸ disponível em: [\(6\) Facebook](#), último acesso em 21/04/2022, às 22:26.

6

⁹ disponível em: <https://twitter.com/ToComLimaFilho/status/1515687788884242442>, último acesso em 21/04/2022, às 22:43.

Contudo, não há certos e errados excertos políticos, mas sim, sujeitos, formados sócio-historicamente, que ressignificam sentidos outrora pertencentes ao campo do esquecimento e que, agora, são iluminados em discursos construído no interior de formações discursivas políticas no intuito de se legitimar discursivamente a partir da construção de estereotípias para, então, anular, cancelar e silenciar outros sujeitos.

7

^{7 10} disponível em: https://twitter.com/walter_souza/status/1253750886662385670, último acesso em 08/05/2022, às 11:24.

¹¹ disponível em: <https://twitter.com/TAqui93694203/status/1415316106550652929>, último acesso em 21/04/2022, às 22:44.

¹² disponível em: <https://twitter.com/SiaoNtsla/status/1515710133157961736>, último acesso em 21/04/2022, às 22:46.

¹³ disponível em: <https://twitter.com/coercaodobem/status/1243557750031998980>, último acesso em 21/04/2022, às 22:50.

5. Considerações Finais

Pensar em formações discursivas implica em refletir sobre os fundamentos iniciais de constituição dos discursos, que vão desde os processos de ressignificação de sentidos já existentes por sujeitos ideológicos, aos modos de silenciá-los discursivamente, à projeção de imagens de uns sobre os outros a partir de contextos sócio-históricos. Um discurso só fará sentido se os dizeres já fizerem sentido antes, em uma memória discursiva.

Desse modo, para um sentido se concretizar é preciso que se inscreva em formações discursivas tecidas por sujeitos que ocupam posições sócio-históricas e se constituem como sujeitos através da ideologia que os interpela. Nas interações discursivas, os sujeitos antecipam seus interlocutores, formulando discursos de acordo com os efeitos que pensam produzir em seus ouvintes a fim de atingir seus objetivos discursivos.

Dentre os objetivos, silenciar e cancelar o outro se tornaram práticas recorrentes no meio virtual. Em excertos políticos, a anulação dos sujeitos por meio de discursos autoritários têm ganhado espaço na busca por legitimação discursiva. Nesse confronto, um discurso só é legítimo, válido, se o outro (des)significar, anular seus sentidos. E, para isso acontecer, é preciso que o sujeito seja silenciado e cancelado.

É por isso que são criadas estereotípias que qualificam e agrupam os sujeitos em comunidades que compartilham de mesmas formações ideológicas. Desse modo, com os grupos delimitados, os sentidos sócio-historicamente ressignificados se materializam em discursos de sujeitos ideológicos e imaginários. Imaginários, pois se projetam a partir de posições ocupadas socialmente colocando-os em relações imaginárias com suas condições materiais de existência.

Uma vez que os sentidos não se originam nos sujeitos discursivos, este trabalho teve o intuito de evidenciar e refletir sobre a reprodução de estereótipos e processos de silenciamento presentes nas formações discursivas de natureza política presentes nas interações discursivas entre os sujeitos apoiadores e não apoiadores do presidente.

6. Referências Bibliográficas

ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. Pontes, 1999.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Editora Contexto, 2005.

ALMEIDA, S. (2020). **A cultura do “cancelamento” é a antipolítica por excelência**. Disponível em: <https://portaldisparada.com.br/cultura-e-ideologia/cancelamento-antipolitica/>. Acesso em 21 de abril de 2022.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves.—. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MAINGUENEAU, D., & COSSUTTA, F. (2005). **Ethos, cenografia, incorporação**. In.: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso*, 69-90.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Editora da UNICAMP, 2007.